

La Comédiathèque

UM SONHO DE CASA

Jean-Pierre
Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Um Sonho de Casa

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Contagem regressiva... Um casal acaba de comprar a casa dos seus sonhos, a um preço surpreendentemente baixo.

O que terá acontecido naquela casa para que ninguém a quisesse comprar antes? Os antigos proprietários morreram ali em circunstâncias tão dramáticas quanto misteriosas... Um conto filosófico em forma de contagem regressiva sobre o destino tragicômico da humanidade em geral, e do casal em particular.

Elenco variável de 2 a 10 atores e atrizes.

1H/1M

2H/2M

3H/3M

4H/4M

5H/5M

ATO 5

Ela e ele estão sentados num jardim.

Ele – Esta casa é absolutamente perfeita.

Ela – Sim. É realmente o paraíso.

Ele – E este jardim...

Ela – É o jardim do Éden.

Um tempo.

Ele – O jardim do Éden é o paraíso?

Ela – Como?

Ele – O paraíso é quando estamos mortos, não é?

Ela – O jardim do Éden é o paraíso terrestre. O paraíso perdido. Mesmo antes de Adão comer todas as maçãs, Eva cortar a macieira para fazer lenha e o filho deles partir a cabeça do irmão com os troncos.

Ele olha para ela um pouco surpreso.

Ele – Vou ter de reler a Bíblia, agora que tenho um pouco de tempo.

Ela – De qualquer forma, é a casa dos nossos sonhos.

Ele – Sim. Exatamente o que queríamos.

Ela – Todos os serviços estão perto.

Ele – Sem falar das escolas.

Ela – Pena que não tenhamos filhos.

Ele – Isso evitará que se matem uns aos outros.

Ela – Bem, se um dia a vendermos... a um casal com filhos.

Ele – E a casa está tão impecável.

Ela – Tudo foi renovado do porão até ao sótão.

Ele – As crianças sujariam tudo.

Ela – Está como nova.

Ele – Sim, completamente renovada. E a esse preço, imagina...

Ela – É verdade que não pagámos muito.

Ele – Para uma casa assim.

Ela – Tão bonita e tão bem localizada.

Ele – As pinturas ainda estão frescas.

Ela – É tão branca... Quase é suspeito.

Ele – Suspeito?

Ela – Como se quisessem apagar qualquer rastro de...

Ele – De quê?

Ela – Não sei.

Ele – De qualquer sinal de vida?

Ela – De qualquer sinal de sangue...?

Eles olham-se com inquietação.

Ele (*para se tranquilizar*) – Gosto muito desta casa.

Ela – Aqui sentimo-nos tão bem.

Ele – Sempre sonhei ter uma casa assim.

Ela – E hoje, esse sonho tornou-se realidade.

Silêncio. Nova inquietação.

Ele – Não ouviste nada?

Ela – Sim...

Ele – O que é?

Ela – Não sei.

Ele – Ou talvez estivéssemos a sonhar.

Ela – Vou ver.

Ela levanta-se e volta um instante depois.

Ele – O que era?

Ela – A caixa do correio.

Ele – Uma carta?

Ela – Um folheto.

Ele – Não sei para que serve pôr um "Não à publicidade" na porta.

Ela – É para a "Festa dos vizinhos".

Ele – Os vizinhos fazem uma festa?

Ela – A "Festa dos vizinhos"! É uma vez por ano, na primavera. Colocamos mesas na rua, cada um traz algo para beber e comer...

Ele – Ah sim... A festa dos vizinhos... Então, deixam-nos um recado para avisar que vão fazer um pouco de barulho.

Ela – Deixam-nos um recado para nos convidar!

Ele – Convidar-nos? A nós? Mas se não conhecemos esses vizinhos!

Ela – Agora que vivemos aqui, são os nossos vizinhos. Supõe-se que devemos conhecê-los.

Ele – Já vejo... A festa dos vizinhos... Achas que devemos ir?

Ela – Não é obrigatório... mas talvez seja melhor. O que achas?

Ele – Não sei...

Ela – Se quisermos começar a integrar-nos um pouco no bairro.

Ele – É verdade, não conhecemos ninguém.

Ela – Nem sequer os antigos proprietários, nunca os conhecemos.

Ele – É que não saímos muito.

Ela – Não... Talvez devêssemos...

Silêncio.

Ele – A propósito de vizinhos, sabes de uma coisa?

Ela – O quê?

Ele – Pergunto-me se a vizinha não morreu.

Ela – O que te faz pensar isso?

Ele – Não sei... (*Um tempo*) O cheiro, para começar...

Ela – O cheiro?

Ele – Não sentes nada?

Ela – Não.

Ele – Mesmo sem ter um sentido de olfato muito apurado... Há algo podre por aqui, garanto-te.

Ela – Ah sim?

Ele – E não é de ontem. Cada vez cheira mais forte...

Ela – Mas quando dizes algo podre... queres dizer um cadáver?

Ele – Não sei... nunca tive a oportunidade de cheirar um cadáver. E tu?

Ela – Não. Bem, sim, mas... não um cadáver que cheirasse tanto.

Ele – Como um cheiro de rato morto, se preferires.

Ela – Talvez seja um rato morto.

Ele – Ratos? No bairro? Ficaria surpreso... É um bairro bastante burguês.

Ela – Um javali, então...? Ou um veado...? Comi carne de caça maturada, uma vez, num grande restaurante. Acho que um cadáver deve ter um pouco desse sabor.

Ele – Um veado maturado?

Ela – Não sei... Talvez o sabor... Mas o cheiro...

Ele – Parece que vem da casa ao lado. Ou do jardim.

Ela – Como teria um veado chegado ao jardim da vizinha?

Ele – Especialmente um veado morto. Mesmo vivendo num bairro burguês, não há muitas caçadas por aqui.

Ela – E além do cheiro, o que te faz pensar que a vizinha pode estar morta?

Ele – Nunca a vemos... As persianas estão fechadas...

Ela – Talvez tenha ido de férias.

Ele – Há mais de três meses?

Ela – E por que não?

Ele – Nessa idade, vai-se num cruzeiro por uma semana. Dez dias, no máximo.

Ela – Como sabes que idade tem a vizinha? Se nunca a vimos. Além disso, como sabes que é uma mulher?

Ele – Não sei. Imaginei uma senhora idosa. A casa não está em muito bom estado. E as mulheres costumam viver mais que os maridos. Então deduzi que...

Ela – Já vejo...

Ele – Observação, dedução...

Ela – Deve ter viajado por muito tempo. Ou está com os filhos.

Ele – Durante três meses? Quem aguentaria ter a mãe em casa por três meses?

Ela – Bem, suponhamos... A vizinha está morta? Na casa dela... E tu és o único que percebeu?

Ele – Sempre tive um sentido de olfato muito apurado...

Ela – A família dela teria se preocupado com o desaparecimento...

Ele – A família dela?

Ela – Os filhos.

Ele – E se não tiver filhos?

Ela – Toda a gente tem filhos!

Ele – Nós não temos...

Ela – Então, o marido dela.

Ele – Acabaste de dizer que provavelmente era viúva...

Um tempo.

Ela – Bem... Então, o que fazemos? Devíamos avisar a polícia...

Ele – A polícia?

Ela – Não vamos deixá-la aí assim, à espera que...

Ele – Que comece a decompor-se?

Ela – Quanto tempo pode ficar um corpo assim antes de começar a cheirar?

Ele – Não sei se é uma boa ideia sermos nós a avisar a polícia.

Ela – Porquê?

Ele – Podiam suspeitar de nós.

Ela – Suspeitar de quê?

Ele – De a termos assassinado!

Ela – Achas que foi assassinada?

Ele – Não sei... Acontece...

Ela – E por que suspeitariam de nós?

Ele – Há apenas três meses que nos mudámos para cá, a vizinha morre mesmo nessa altura, e somos nós que avisamos a polícia...

Ela – Tens razão, podíamos ter problemas... Mas, por que mataríamos a vizinha?

Ele – Sempre há boas razões para nos livrarmos dos vizinhos, não?

Ela – Que razões?

Ele – Por exemplo, para comprar a casa dela.

Ela – Sim, bem...

Ele – Especialmente se a comprarmos em usufruto.

Ela – Não me digas que compraste a casa da vizinha em usufruto e a mataste.

Ele – Não, que ideia!

Ela – Fico mais tranquila...

Ele – Dito isto, talvez não seja uma má ideia.

Ela – Matar a vizinha?

Ele – Comprar a casa.

Ela – Para quê?

Ele – Para não ter vizinha!

Ela – Começas a preocupar-me...

Ele – Sem vizinhos, sem festa de vizinhos.

Ela – Pois claro...

Ele – Em todo o caso, se estiver morta, certamente vão pôr a casa à venda.

Silêncio.

Ela – Acho que começo a sentir um pouco esse cheiro...

Ele – Um cheiro a podre?

Ela – Sim, acho que sim...

Um tempo.

Ele – Não me estás a dizer isto só para me agradar, certo?

Ela – O quê?

Ele – Que sentes um cheiro a cadáver.

Tocam a campainha.

Ele – O que será desta vez? Estamos à espera de alguém?

Ela – Não.

Ele – Espero que não seja outro convite.

Ela – Não conhecemos ninguém... Um convite para quê?

Ele – A "Festa da Música"?

Ela – É verdade que também não falta muito para isso.

Ele – Podiam juntar tudo.

Ela – A festa da música entre vizinhos...

Ele – Vou ver...

Ele sai. Ela cheira o ar para tentar detectar algo.

Ela – Não daria um bom cão-polícia.

Ele volta.

Ela – O que era?

Ele – A vizinha.

Ela – A que está morta?

Ele – A outra vizinha.

Ela – O que queria?

Ele – Queria saber se por acaso não era na nossa casa que cheirava a cadáver.

Ela – Disse cadáver?

Ele – Acho que queria dizer um animal morto. Um gato, por exemplo. O dela desapareceu há algumas semanas.

Ela – E o que lhe disseste?

Ele – Disse-lhe que não sentia nada...

Ela – Fizeste bem.

Ele – É melhor não nos metermos onde não somos chamados.

Ela – Para viver felizes, vivamos escondidos...

Ele – Somos felizes?

Ela – O que achas?

Silêncio.

Ele – É curioso... Contou-me uma história estranha...

Ela – Quem?

Ele – A vizinha!

Ela – Que história?

Ele – Não sei se queres ouvir isto agora.

Ela – Disseste demais ou não disseste o suficiente...

Ele – Lembras-te do que o agente imobiliário nos disse quando comprámos a casa?

Ela – O quê?

Ele – Que a casa estava à venda porque os proprietários tinham morrido.

Ela – Sim... Por isso nunca os conhecemos.

Ele – O que ele não nos disse foi como morreram...

Ela – É verdade. É curioso que tenham morrido os dois, ao mesmo tempo.

Ele – Sim...

Ela – Como morreram?

Ele – Ela partiu-lhe o crânio com um machado...

Ela – Ah sim... E onde?

Ele – Aqui, no jardim.

Ela – Não? E depois?

Ele – Depois, atirou-se do segundo andar para o pátio.

Ela – O pátio? Queres dizer o jardim? O nosso jardim...?

Silêncio.

Ele – Não entendia por que esta casa estava à venda há tanto tempo.

Ela – E que não tivesse encontrado comprador, mesmo a um preço tão baixo.

Ele – É verdade que fizemos um bom negócio.

Ela – Achas?

Ele – Não sei...

Ela – De certeza que foi por isso que pintaram tudo de novo.

Ele – Para apagar todas as marcas de sangue...

Um tempo.

Ela – Tens a certeza de que é na casa ao lado que cheira a morte?

Ele – O que queres dizer?

Ela – Talvez venha daqui.

Ele – Não, não pode ser. Quando a polícia veio e descobriu a tragédia, levaram os corpos, não é?

Ela – Às vezes há fenómenos estranhos nas casas onde aconteceram tragédias como esta...

Ele – Da primeira vez que visitámos a casa, já senti algo.

Ela – E não me disseste?

Ele – A casa estava tão barata...

Ela – Entendo por que, agora.

Ele – Sim, eu também...

Silêncio.

Ela – Olha, parece que a vizinha voltou de férias...

Ele – Achas?

Ela – As persianas estão abertas...

Ele – Pelo menos, ela não está morta.

Ela – Não... Ainda não...

Ele – Então, não é da casa dela que vem esse cheiro.

Ela – Ou é o gato...

Ele – Vamos dizer que é o gato.

Ela – Sim, seguramente é o gato.

Silêncio.

Ele – Então, o que fazemos? Vamos ou não?

Ela – Onde?

Ele – À festa dos vizinhos!

Ela – Não sei se é uma boa ideia.

Ele – Tens razão.

Ela – Já os vejo a olhar para nós de lado e a cochichar.

Ele – "São eles".

Ela – "Os que vivem na casa onde aconteceu aquele massacre".

Ele – Sim... Perguntando-se quando será a nossa vez.

Ela – A nossa vez de quê?

Ele – De nos matarmos um ao outro.

Ela – Achas que poderíamos chegar a isso?

Ele – Aborrecemo-nos tanto.

Ela – Temos um machado?

Silêncio. Ele cheira novamente o ar.

Ele – E se fossemos nós...

Ela – Nós?

Ele – Os que cheiram a podre.

Eles olham-se, perplexos.

Negro.

ATO 4

Ele chega primeiro e olha à sua volta. Ela junta-se a ele.

Ele – Então, Comissária, o que acha?

Ela – Acho que os dois estão mortos.

Ele – Sim... Foi o que pensei também, quando vi que a cabeça dele estava separada do corpo e tinha rolado a mais de dois metros do tronco...

Ela – E que a cabeça dela se tinha esmagado no chão do pátio como uma melancia demasiado madura.

Ele – Mas o que eu queria saber, Comissária, é o que pensa deste caso...

Ela – Não penso nada, querido. Observo e deduzo, só isso. Como Sherlock Holmes ou o inspetor Columbo. Um bom polícia não pensa. Observa e tira conclusões das suas observações.

Ele olha para ela com perplexidade e continua a examinar o local.

Ele – Pergunto-me o que poderá ter acontecido aqui para que um casal sem história chegasse a massacrar-se assim com tanto entusiasmo.

Ela – O que o faz pensar que se trata de um assassinato?

Ele – Ela ainda tinha na mão o machado com que o decapitou.

Ela – Não se deixe enganar pelas aparências, Inspetor, elas podem pregar-lhe partidas. Além disso, esqueceu-se de notar que antes de decapitar o marido, ela tinha cortado uma macieira no jardim. Provavelmente com o mesmo machado.

Ele – É verdade, não tinha reparado nisso. E além disso, não percebo nada de árvores.

Ela – Eu também não.

Ele – Então, como sabe que é uma macieira?

Ela – Porque vi maçãs penduradas nos ramos.

Ele – Eu também não tinha reparado nisso...

Ela – Se tivesse visto peras, teria deduzido que era uma pereira. Se fossem cerejas, uma cerejeira. Observação, dedução. Nunca se esqueça disso, Inspetor.

Ele – Vou ter isso em conta, Comissária.

Ela – O que sabemos deste... casal sem história, como diz?

Ele consulta um pequeno caderno.

Ele – Ele era autor de teatro... Ela, atriz...

Ela – Um autor conhecido?

Ele – Uma das suas peças teve algum sucesso há alguns anos.

Ela – Ah, sim? Qual?

Ele – Um Sonho de Casa...

Ela – Nunca ouvi falar. A última vez que fui ao teatro foi para ver A Gaiola das Loucas.

Ele – Não gostou...

Ela – Gostei, sim. Exatamente. Preferi ficar com uma boa impressão. E ela?

Ele – Papéis secundários, principalmente... Cada vez menos, aliás.

Ela – Isso poderia ser um motivo de suicídio. Mas não um móbil de assassinato. Sem antecedentes criminais?

Ele – Um caso obscuro de plágio. Um furto numa loja. Uma fraude aos subsídios familiares. Nada grave...

Ela – Tinham filhos?

Ele – Não. Por isso falava de fraude aos subsídios familiares.

Ela – Entendi... Um furto numa loja, dizia?

Ele – Sim.

Ela – Perfume? Maquilhagem? Lingerie? Geralmente, é isso que as mulheres roubam nas lojas...

Ele consulta o seu caderno.

Ele – Um machado.

Ela – Um machado? Então poderia haver premeditação...

Ele – Se é com esse machado que ela decapitou o marido.

Ela – Por que roubaria um machado se já tinha um?

Ele – Não sei... Algumas mulheres roubam pelo prazer de roubar...

Ela – Um machado?

Ele – É verdade que um machado... é bastante raro.

Ela – Um pequeno machado, no máximo. Seria mais feminino... Ou uma faca de pão. Uma lima de unhas, talvez.

Ele – Para cortar uma árvore?

Ela – É uma árvore pequena, Inspetor. Não reparou nisso também?

Ele – E quanto ao... plágio, Comissária, o que pensa?

Ela – Não sabe o que isso significa, pois não?

Ele – Digamos que... não estou muito seguro.

Ela – Um plágio é um roubo.

Ele – Como roubar um machado numa loja de ferragens.

Ela – Sim. Só que a loja de ferragens é o cérebro de um autor, e são as suas ideias que o plagiador lhe rouba.

Ele – Entendi... Como um vampiro que suga o sangue das suas vítimas... Talvez ela lhe tenha partido o crânio para verificar o cérebro e roubar-lhe o que havia lá dentro...

Ela – Por que se teria atirado pela janela depois?

Ele – O que poderia um ator roubar a um autor?

Ela – As suas réplicas, provavelmente. É um defeito bastante comum nos atores. Acabam por acreditar que são os autores do texto que interpretam.

Ele – A sério?

Ela – Conheci um trágico que acabou convencido de que era o autor de todas as peças de Racine.

Ele – Acabou no manicómio, imagino.

Ela – Acabou na Academia Francesa.

Ele – Na Academia Francesa...?

Ela – É o equivalente do Conselho Constitucional, mas para os literatos. Uma espécie de residência para reformados, se preferir. Mas em vez de jogarem Scrabble, decidem quais palavras se podem aceitar no Scrabble.

Ele – E isso é grave, Comissária?

Ela – O quê?

Ele – O plágio!

Ela – Todos somos falsificadores, querido. Limitamo-nos a repetir as frases feitas que nos ensinaram na escola. E deformamo-las pelo caminho. Se metêssemos na prisão todos os que não são realmente os autores das asneiras que dizem ao longo do dia, não restaria muita gente em liberdade, acredite.

Ele – Embora, como dizia Michel Audiard, «Um intelectual sentado não vai mais longe que um idiota que caminha».

Ela – Isso é de Jacques Audiberti.

Ele – Não conheço...

Ela – «Um idiota que caminha vale mais que dez intelectuais sentados». Também Michel Audiard plagiava os seus colegas de vez em quando. Embora neste caso, não tenho a certeza de saber quem plagiou quem.

Ele – Em resumo... não inventámos nada.

Ela – A vida é uma luta constante contra a mediocridade, que consiste em plagiar os outros, antes de nos plagiarmos a nós mesmos...

Ele – É tão inteligente o que diz... Não tenho a certeza de perceber tudo...

Ela – A verdadeira inteligência, Inspetor, é saber calar a boca. Poucas pessoas são capazes de o fazer. Mesmo eu, às vezes, surpreendo-me a dizer frases... que não são minhas.

Ele – E isso, é seu, Comissária?

Ela – Infelizmente, não. Recolha um pedaço dessa melancia e coloque-o num saco térmico. Vamos enviá-lo ao laboratório para análise.

Ele – Muito bem, Comissária.

Ela – E não se esqueça de colocar as luvas...

Ele – Para não contaminar a amostra.

Ela – Sim... E sobretudo para não sujar as mãos...

Ele – E não sujar a casa.

Ela – Seria uma pena. Está tudo tão limpo aqui.

Ele – Parece que pintavam as paredes todos os anos.

Ela – Provavelmente depois de cada crime.

Ele – Acha que houve mais de um?

Ela – Já lhe disse, não acho nada.

Ele sai. Ela olha em volta antes de cheirar o ar. Depois coloca-se de quatro e cheira por todo o lado como um cão de polícia. Ele regressa e olha para ela, um pouco desconcertado.

Ele – Encontrou alguma coisa, Comissária?

Ela levanta-se.

Ela – Acredite, Inspetor, isto cheira a morte nesta casa.

Ele – Há dois cadáveres mesmo ao lado, é normal, não?

Ela – O que eu queria dizer é que cheira a podre. Carne em decomposição, se preferir. Mas este casal morreu há muito pouco tempo.

Ele – Como sabe?

Ela – O cérebro da senhora ainda estava a fumegar quando chegámos.

Ele – É verdade que não está muito calor aqui. Mas sem querer contrariá-la, Comissária, quanto ao fumo, acho que era mais um cigarro mal apagado. Encontrei a beata consumida num canto do pátio.

Ela – Pois, ainda mais razão. Quando o último cigarro ainda deita fumo, significa que o condenado não morreu há muito. (*Ela volta a cheirar*) Digo-lhe que este caso cheira a podre...

Ele – E que conclusões tira dessas observações, Comissária?

Ela – Há pelo menos três conclusões possíveis.

Ele – Estou a ouvi-la.

Ela – Ou bem as vítimas já cheiravam a podre em vida.

Ele – Sim...

Ela – Ou então esse cheiro provém de outros cadáveres mais decompostos que ainda não descobrimos. Cadáveres enterrados na cave, por exemplo.

Ele – Quanto tempo pode um homem ficar debaixo de terra antes de começar a apodrecer?

Ela – Bem, se já não estava podre antes de morrer...

Ele – Então, isso também não é seu...

Ela – Não.

Ele – De quem é, chefe?

Ela – De Shakespeare. Em Hamlet. Supondo que tenha sido realmente ele quem escreveu as suas obras, claro.

Ele – Acha que Shakespeare também era um plagiador?

Ela – Quem sabe...

Ele – E qual é a sua terceira hipótese, Comissária?

Ela – E se fôssemos nós que cheirássemos a podre...?

Ele – Nunca me teria ocorrido isso...

Ela – Por isso eu sou comissária e você é apenas inspetor.

Ele – Claro, Comissária.

Ela – Refleti muito sobre a natureza humana. E cheguei a algumas conclusões, que talvez escreva num livro quando me reformar, para benefício das gerações futuras.

Ele – A sério? E que tipo de livro, Comissária? Um romance policial?

Ela – Mais uma espécie de Bíblia.

Ele – Já percebo... Uma Bíblia em série policial...?

Ela – Inspetor! Uma Bíblia! Uma espécie de Novo Novo Testamento, por assim dizer.

Ele – Ah, está bem...

Ele – Quer dar-me uma ideia preliminar de algumas das suas reflexões?

Ela – Por que não...?

Depois de um breve silêncio, para manter o efeito dramático.

Ela – Sabe quantos seres humanos viveram e morreram nesta terra antes de nós, Inspetor?

Ele – Não.

Ela – Aproximadamente cem mil milhões. Para cada ser vivo neste planeta, há mais de dez nos nossos cemitérios e noutros lugares.

Ele – Ah, sim. Isso é muita gente.

Ela – E não vai melhorar, acredite.

Ele – Ah, não?

Ela – Verá. À medida que envelhecemos, chegamos a conhecer mais mortos do que vivos.

Ele – É verdade...

Ela – E chegará um dia em que nesta terra só haverá mortos.

Ele – O fim do mundo, quer dizer?

Ela – O fim da humanidade, pelo menos. Ao ritmo que vamos, provavelmente será em breve. A Terra não será mais do que uma casa vazia, habitada por todos os mortos que a ocuparam sucessivamente desde o amanhecer da humanidade.

Ele – É bonito o que diz, Comissária.

Ela – Não é meu, infelizmente.

Ele – De quem é então?

Ela – Do autor desta peça, suponho. A menos que também seja um vulgar plagiador.

Ele – E o que fazemos com este duplo assassinato?

Ela – Teremos que seguir o fio destes trágicos acontecimentos, desde este último assassinato até à primeira vítima desta assassina em série.

Ele – Acha que estamos a lidar com uma assassina em série?

Ela – A Morte! É ela a responsável por todas estas mortes! Não existe morte natural, Inspetor. Toda a morte é um homicídio. É a Morte que matou todas estas pessoas!

Ele – Mas quando diz seguir o fio dos acontecimentos, quer dizer...?

Ela – O primeiro assassinato! O primeiro caso criminal.

Ele – Que caso?

Ela – Caim e Abel, claro.

Ele – Nunca ouvi falar desse caso. Caim e Abdel, disse...?

Ela – Nunca leu a Bíblia? Ou Victor Hugo? «O olho estava na tumba e olhava para Caim», isso não lhe diz nada?

Ele – Não. Uma câmara oculta numa tumba?

Ela – Deus foi o primeiro a inventar a videovigilância, Inspetor. Nós, os polícias, não somos mais do que os seus modestos servidores.

Silêncio.

Ele – Então acha que a Terra pode desaparecer um dia?

Ela – A Terra é como uma casa. Compras a alguém quando chegas, vendes a outro quando te vais, com a esperança de obter um pequeno lucro. Achas que essa casa sempre esteve lá, e que sempre estará lá. No entanto, alguém a construiu um dia, e alguém acabará por destruí-la.

Ele – Começo a sentir o cheiro também.

Ela – O quê?

Ele – Esse cheiro de morte.

Ela – Esse cheiro, querido, é o da vida antes de nós. Os cem mil milhões de seres humanos que nos precederam. A Terra é um ossário, uma vala comum, um gigantesco cemitério sob a lua.

Ele – Suponho que isso também não seja seu...

Ela – Quem sabe... Às vezes também improviso. Já viu A Noite dos Mortos-Vivos?

Ele – Aqueles cadáveres que saem das suas tumbas e andam pela cidade para comer carne fresca?

Ela – Cem mil milhões, imagine! Sem contar os animais selvagens que em breve exterminaremos, e os animais domésticos que criamos em jaulas e sacrificamos em massa para os comermos aos domingos, depois da missa, à volta de um churrasco com amigos.

Ele – É verdade que um churrasco é agradável...

Ela – Imagine que uma noite todos eles regressam para nos comer, todos esses frangos, porcos, vitelos que sacrificamos nos nossos matadouros...

Ele – Ah sim, dá arrepios...

Ela – E nem falemos das verduras!

Ele – As verduras? Refere-se às batatas fritas?

Ela – Imagine! A noite dos mortos-vivos, mas com batatas, cenouras e nabos, que saem da terra à noite para vir comer-nos. Imagine, Inspetor!

Ele – Estou a tentar, Comissária. Estou a tentar... E o que fazemos com estes dois?

Ela – O que acha da casa?

Ele – Não é má.

Ela – Não é má?

Ele – Não, na verdade é absolutamente perfeita.

Ela – Estou à procura de uma no bairro, precisamente. Mas com o miserável salário que nos pagam todos os meses... Embora eu ganhe três vezes mais do que você.

Ele – Sem obras para fazer. Perto de todos os serviços. Com uma escola não muito longe.

Ela – Agora a casa estará seguramente à venda.

Ele – Agora?

Ela – Agora que os proprietários morreram.

Ele – Conseguiria viver numa casa onde aconteceram factos tão dramáticos?

Ela – E você, não?

Ele – Acho que teria pesadelos...

Ela – Então, acha que a casa será vendida por um preço mais baixo?

Ele – Acho que esta casa é invendável...

Ela – Também acho.

Ele – No bairro, será sempre a casa onde aconteceu a chacina. A casa do crime.

Ela – Conhece aquele quadro de Paul Cézanne, A Casa do Enforcado?

Ele – Quem?

Ela – Nem sequer se sabe se alguém alguma vez se enforcou nessa casa. Mas imagine o trabalho para um agente imobiliário. Quem iria querer comprar a casa de um enforcado? E no entanto, essa tornou-se um quadro famoso. Mas por uma casa do enforcado pintada por Cézanne, quantas casas haverá onde alguém se enforcou sem que ninguém soubesse.

Ele – Há que enforcar-se em algum lado.

Ela – E se comprássemos essa casa?

Ele – Nós?

Ela – Por uma pechincha. Você e eu. Aposto que tem algumas poupanças, não?

Ele – Claro que poderíamos consegui-la barata. Mas dizia que seria invendável.

Ela – Compramos por quase nada, esperamos que se acalme um pouco, renovamos as pinturas e vendemos com um bom lucro.

Ele – E entretanto, quem viveria nela?

Ela – Você e eu!

Ele – Você e eu?

Ela – Não gosta de mim, Inspetor?

Ele – Sim, sim, claro, é só que...

Ela – O quê?

Ele – Nada... *(Pausa)* E eu, gosta de mim, Comissária?

Ela lança-lhe um olhar surpreendido.

Ela – Mas era uma brincadeira, homem.

Ele – Claro, Comissária.

Ela – Você e eu já nos conhecemos demasiado bem. Acabaríamos por nos aborrecer.

Ele – Talvez até começássemos por isso.

Ela – Acredite, pela minha experiência, é para escapar ao aborrecimento que muitos casais acabam por se matar em casa.

Ele – Acha que ela lhe partiu a cabeça e se atirou pela janela logo depois só para dar um pouco de emoção à sua vida de casal?

Ela – É casado, Inspetor?

Ele – Não.

Ela – Então não pode entender.

Escuro.

ATO 3

Ele está sentado, imóvel. Ela chega de fora, com um impermeável e um machado na mão.

Ele – Tudo bem?

Ela – Sim.

Ela tira o impermeável.

Ele – Tiveste um bom dia?

Ela – Sim, tudo bem.

Ele – Ótimo. (*Silêncio, durante o qual ela afia o machado com uma pedra.*) Tens algo para me dizer?

Ela – O que poderíamos dizer que já não tenhamos dito? Só nos repetiríamos, não achas?

Ele – Bem... E... se me permites perguntar... O que estás a fazer com esse machado?

Ela – Ah... Essa é uma pergunta que nunca me tinhas feito antes...

Ele – Certamente porque é a primeira vez que chegas a casa com um machado...

Ela – Pois é... É a primeira vez... Decidi surpreender-te...

Ele – E então?

Ela – Vou cortar a árvore que está no fundo do jardim.

Ele – Com um machado?

Ela – Claro! Não com uma lima de unhas.

Ele – E o que é que essa árvore te fez?

Ela – Está podre.

Ele – Podre?

Ela – Podre por dentro. Ao menor golpe de vento, pode cair em cima de nós.

Ele – Quase nunca estamos debaixo dela.

Ela – Poderíamos querer fazer um churrasco.

Ele – Nunca fazemos churrascos. E nem sequer sei onde está essa árvore.

Ela – Não me admira. Já nem sais de casa. Nem sequer para ir ao jardim.

Ele – Não sabia que tínhamos um machado.

Ela – Não tínhamos.

Ele – Então, compraste um machado...

Ela – Não o comprei, roubei-o.

Ele – É bastante volumoso... Como é que se rouba um machado?

Ela – Não se pode. O segurança apanhou-me à saída. No fim, tive que pagá-lo.

Ele – Temos dinheiro suficiente para comprar um machado. Por que não querias pagar?

Ela – Para que não houvesse fatura, claro!

Ele – E para quê comprar um machado sem fatura?

Ela – Sem fatura, não há rastro! Se comprasses um revólver para matar alguém, preferias que não houvesse fatura, não?

Ele – Suponho que sim, mas enfim... Nunca comprei um revólver. E ainda não matei ninguém. Até hoje...

Ela – Tens razão. Comprar um revólver pode levantar suspeitas. Mais do que comprar um machado, pelo menos. Mesmo com fatura...

Ele – Então, estás consciente de que se trata de um ato grave, para não dizer reprovável...

Ela – Estou consciente, não te preocupes.

Ele – No pior dos casos, consigo entender que alguém derrube uma árvore num impulso. Um plátano, por exemplo. Porque se atravessou à frente do carro justo quando passavas, completamente bêbado. Mas assim, a sangue-frio. Com um machado que adquiriste de propósito para isso... É uma execução! Um assassinato com premeditação. Aviso-te que não serei cúmplice de tal crime.

Ela – Não te preocupes, não participarás neste massacre. (Em voz baixa) Pelo menos, não como cúmplice...

Ele – Por que agora?

Ela – Já te disse, está podre.

Ele – Desde quando?

Ela – Não sei... Aconteceu aos poucos. Quando o verme está no fruto... às vezes acaba por atacar a árvore.

Ele – Nem sabia que tínhamos uma árvore no jardim. Que tipo de árvore é?

Ela – Uma macieira.

Ele – Temos uma árvore de fruto no jardim?

Ela – Já está meio morta. Há muito que não dá maçãs.

Ele – Isso não é razão para te desfazeres dela assim.

Ela – Essa árvore decepcionou-me muito. Tinha grandes esperanças nela.

Ele – Dizes que está meio morta. Então, ainda está meio viva.

Ela – É demasiado tarde. Prefiro abreviar a sua agonia.

Ele – Ainda poderia dar mais algumas maçãs.

Ela – Justamente, é isso que lhe reprovou.

Ele – Desculpa?

Ela – Toda a vida, essa árvore só deu maçãs. E se continuasse meio viva durante mais dez ou vinte anos, continuaria a dar maçãs.

Ele – As macieiras dão maçãs. O que esperavas?

Ela – Que me surpreendesse.

Ele – E então, preferes cortá-la.

Ela – Para quê continuar? Essa árvore tornou-se tão previsível. E o previsível é tão deprimente.

Ele – E o que vais fazer com o tronco?

Ela – O tronco? Suponho que o vou partir, pô-lo em sacos de plástico e deitá-lo fora aos poucos no lixo em frente à nossa casa. Um pouco todos os dias, para que os lixeiros não deem por nada.

Ele – Para que não deem por quê?

Ela – Não é suposto deitarmos ramos velhos no lixo. Nem sequer em pedaços pequenos.

Ele – Mais uma razão para não cortares essa macieira.

Ela – Chega de conversas. Quanto mais depressa o fizer...

Ela dá um passo em direção à saída. Ele levanta-se e enfrenta-a.

Ele – E se eu não estiver de acordo?

Ela – Ah sim? E o que farias?

Ele – Podia impedir-te.

Ela – Impedir-me? Tu?

Ele – Exatamente. E tu, se eu tentasse impedir-te, o que farias?

Ela – Não sei... (*Ela levanta o machado.*) Podia rachar-te o crânio com este machado, por exemplo. Para ver se realmente tens um cérebro dentro.

Um tempo.

Ele – Então, ainda me guardas rancor por ter assinado o guião desta peça no teu lugar...?

Ela – Isso chama-se plágio, não?

Ele – Era melhor assim, já te disse cem vezes. Eu já era um pouco conhecido como autor. Isso tranquilizava o produtor.

Ela – Isso te tranquilizava mais a ti. Assinar finalmente algo interessante...

Ele – A peça foi um fracasso.

Ela – Algumas peças têm uma segunda oportunidade. Ruy Blas teve uma má recepção na estreia. Depois tornou-se um clássico.

Ele – Agora acreditas que és Victor Hugo?

Ela – Por que não? Ruy Blas também é a história de um impostor. Embora o herói, esse sim, não careça de grandeza.

Ele – Um Sonho de Casa? Achas mesmo que ias passar à posteridade com isso?

Ela – Isso não te impediu de assinar o manuscrito!

Ele – A propósito, pergunto-me se não te inspiraste um pouco em Ruy Blas para escrever essa porcaria.

Ela – Agora és tu a chamar-me plagiadora! Isto é o mundo ao contrário!

Ela avança em direção a ele com o machado, ameaçadora. Ele recua cautelosamente um passo.

Ele – Não te esqueças que, no fim, houve uma fatura. E é provável que a loja tenha informado a polícia. Já tens antecedentes por furto numa loja.

Ela – E tu por plágio. Porque não é a primeira vez que te aproprias de um texto que não é teu.

Ela levanta o machado.

Ele – A polícia virá. Nunca conseguirás fazer passar isto por um crime passional. Vais apanhar prisão perpétua.

Ela – Foi ao casar contigo que me condenei a prisão perpétua... (*Ela baixa o machado, parecendo resignada.*) Mas tens razão... seria demasiado arriscado. Não vale a pena...

Ele – Anda, deixa esse machado, podias magoar alguém.

Ela – Pergunto-me por que viemos enterrar-nos aqui...

Ele – Sim, eu também...

Ela – Não sei porquê, sempre tive a sensação de que havia algo estranho nesta casa.

Ele – O quê?

Ela – Não sei...

Ele – Como uma maldição.

Ela – E se nos mudássemos?

Ele – Com que dinheiro? Infelizmente, não será com a tua obra-prima que vamos pagar a hipoteca da casa. Nem com os teus cachês de atriz, aliás.

Ela levanta novamente o machado, ameaçadora.

Ela – É uma crítica?

Ele – Não te atreverias. Seria demasiado parecido com uma má peça de bulevar.

Ela – Uma mulher que corta o marido com um machado?

Ele – A um filme de terror de série B, se preferires.

Ela – Por outro lado...

Ele – O quê?

Ela – Há porcarias que se vendem muito bem...

Ele – Por exemplo?

Ela – O Massacre no Texas.

Ele – Essa história de massacre com motosserra? Aqui é só um machado, e é só uma mulher a matar o marido.

Ela – Quando não tens um grande orçamento...

Ele – Desculpa, mas não consigo acreditar.

Ela – Pensa no primeiro assassinato na história da humanidade.

Ele – Caim e Abel?

Ela – Um tipo que estrangula o irmão com as mãos nuas. Só isso. A investigação é apenas uma câmara de vigilância que Deus instalou na tumba do culpado. E o livro continua a ser um best-seller até hoje.

Ele – Sim, mas nunca tinha sido feito antes. Hoje em dia, até em questões de assassinato, não é tão fácil surpreender.

Ela – Tens razão, é realmente deprimente. Dá-me vontade de me suicidar. Bem, vou começar pela macieira, isso vai-me relaxar...

Ela pega no machado e prepara-se para sair.

Ele – Vou pôr a mesa... e pensar noutra guião.

Ela – Não queres dar-me uma mãozinha?

Ele – Para quê?

Ela – Para cortar essa maldita macieira! Se não quisermos que caia sobre a vedação do vizinho, devias empurrar do outro lado enquanto eu corto o tronco.

Ele – Está bem, mas tem cuidado. Um acidente pode acontecer tão facilmente...

Ela – Especialmente quando usas um machado pela primeira vez na vida...

Saem. Um momento.

Voz em off – Cortem! Esse não é o texto que eu escrevi, maldição!

Oscuro.

ATO 2

Ela está lá. Ele chega.

Ele – Tive um sonho muito estranho... Bem, na verdade foi mais um pesadelo.

Ela – O quê?

Ele – Sonhei que me deixavas...

Ela parece incomodada.

Ela – Sabes o teu texto?

Ele – E tu não?

Ela – Sim, sim, bem... acho que sim.

Ele – Revemos uma última vez?

Ela – Está bem...

Ele – Dizem que o autor é um psicopata. Se mudarmos uma só palavra do seu texto, é capaz de nos matar.

Ela – E como também é o realizador...

Ele – Esse é o problema com o cinema de autor...

Ela – Vamos a isso?

Ele – Saio e volto a entrar para fazer a minha entrada.

Ela – Eu também...

Saem os dois. Ele volta depois de um momento e senta-se. Ela chega com um machado.

Ele – Tudo bem?

Ela – Sim.

Ela tira o impermeável.

Ele – Tiveste um bom dia?

Ela – Sim, tudo bem.

Ele – Ótimo. (*Silêncio, durante o qual ela afia o machado com uma pedra.*) Tens algo para me dizer?

Ela – O que poderíamos dizer que já não tivéssemos dito? Só nos repetiríamos, não achas?

Ele – Bem... E... se puder perguntar... O que fazes com esse machado?

Ela – Ah... Essa é uma pergunta que nunca me tinhas feito antes...

Ele – Certamente porque é a primeira vez que chegas a casa com um machado...

Ela – Pois é... É a primeira vez... Decidi surpreender-te...

Ele – E então?

Ela – Vou cortar a árvore que está no fundo do jardim.

Ele – Com um machado?

Ela – Claro! Não com uma faca de pão.

Ele para, perturbado.

Ele – Não com uma faca de pão?

Ela – Não era isso que tinha de dizer?

Ele – Sim. Sim, sim. Mas essa réplica... É um pouco tola, não achas?

Ela – Pois...

Ele – E se pedíssemos ao autor para mudar? Não sei, podíamos dizer... "Não com uma lima de unhas", não seria mais engraçado?

Ela – Achas...?

Ele – Parece-me que sim.

Ela – Tu mesmo disseste, o autor odeia que mudem uma só palavra do seu texto. Acho que hoje ele está de mau humor... E como há um machado no palco...

Ele – Tens razão. Precisamos destes cachês... Não é o momento para sermos despedidos. Continuamos a cena?

Ela – Está bem.

Ele concentra-se um momento e continua.

Ele – Tudo bem?

Ela – Sim.

Ela – Queria dizer-te uma coisa.

Ele (*surpreendido*) – Sim...?

Ela – Não é fácil.

Ele – O quê?

Ela – Vou deixar-te.

Ele – Isso não está no texto, pois não?

Ela – Não, não isso.

Ele – Tínhamos combinado que não mudaríamos o texto.

Ela – Acabaram de me oferecer um papel. O papel da minha vida...

Ele – Quem?

Ela – O autor. Bem, o realizador.

Ele – O que queres dizer com um papel?

Ela – Acabou de me pedir a mão.

Ele – A mão?

Ela – Sim, bem... Pediu-me em casamento, se preferires.

Ele – Esse tipo tem lata... E o que respondeste?

Ela – Disse que sim.

Ele – Assim tão fácil... Pede-te a mão e tu dizes que sim?

Ela – Tu nunca me pediste a mão.

Ele – Um tipo que mal conheces?

Ela – Conheço-o um pouco melhor do que isso...

Ele – Ah, claro... (*Um tempo*) Queres casar comigo, é isso?

Ela – Lamento. O nosso acabou.

Ele – Não entendo...

Ela – Não há nada para entender.

Ele – Vais deixar-me... justo agora que acabámos de nos mudar para uma nova casa?

Ela – Deixo-te esta casa.

Ele – Queres dizer que me deixas a pagar a hipoteca sozinho...?

Ela – Não querias filhos. Esta casa já era grande demais para nós dois.

Ele – Podia ter mudado de ideias. Queres um filho?

Ela – É tarde demais.

Ele – Porquê?

Ela – Já estou grávida... Por isso é que não podia esperar mais para te dizer.

Ele – Que estás grávida?

Ela – Que te vou deixar!

Ele – E se fosse meu?

Ela – Não é teu.

Ele – Como podes ter tanta certeza?

Ela – Não fizemos amor há seis meses.

Ele – Tanto tempo? Tens a certeza?

Ela – O suficiente para ter a certeza de que este bebé não é teu.

Silêncio, enquanto ele assimila o golpe.

Ele – Muito bem...

Ela – Lamento muito...

Ele – Está bem...

Ela – Vais ficar bem? Quero dizer... para filmar esta cena...

Ele – Vou ficar bem... Somos profissionais, não? The show must go on...

Ela – Acho que nos estão a esperar...

Ele – Não te preocupes... Vamos filmar este... filme de autor.

Ela – Ainda bem que estás a levar isto assim.

Ele – E conta comigo para respeitar o texto à risca...

Voz em off – Se todos estiverem prontos, vamos rodar. Silêncio no set.

Silêncio.

Oscuro.

ATO 1

Ele está lá. Ela chega.

Ele – Então, ele foi-se embora?

Ela – Volta daqui a uma hora, para que tenhamos tempo de formar uma ideia melhor.

Ele – E para que decidamos fazer uma oferta... ou não.

Olham à sua volta.

Ela – Então, o que achas?

Ele – Estou surpreendido.

Ela – Tu também...

Ele – É verdade que é absolutamente perfeita.

Ela – Até tem um jardim.

Ele – Um jardim ou um pátio?

Ela – Um pátio suficientemente grande para ter uma árvore.

Ele – Ah, sim?

Ela – Por mais que procure, não vejo nada de errado.

Ele – E comparado com tudo o que vimos até agora.

Ela – E muitas vezes mais caro...

Ele – Muito mais caro.

Ela – Tem de haver um erro no preço, não é possível.

Ele – Esqueceram-se de pôr um zero no final.

Ela – Ou estão com muita pressa.

Ele – Quem são os proprietários?

Ela – O agente imobiliário disse-me que tinham morrido.

Ele – Então, não estão com pressa.

Ela – Talvez os herdeiros estejam.

Ele – Disse que estava à venda há vários anos.

Ela – Como pode estar em tão bom estado?

Ele – Parece que acabaram de a limpar.

Ela – Não entendo.

Ele – Achas que há algo escondido?

Ela – Por mais que olhe, não vejo nada.

Ele – O bairro também parece muito tranquilo. E muito burguês.

Ela – O charme do antigo com todas as comodidades modernas.

Ele – Renovação total.

Ela – Sem necessidade de obras.

Ele – Começamos a falar como o agente imobiliário.

Ela – É incrível... Parece que esta casa nunca foi habitada.

Ele – Todas essas paredes de um branco imaculado...

Ela – Está tão limpa... Dá até um pouco de medo.

Ele – Sim... É curioso...

Ela – O quê?

Ele – Nada, é uma tolice.

Ela – Vá lá, diz... Estamos prestes a endividar-nos para meio século. Poderíamos passar o resto da nossa vida nesta casa... Se tens algo a dizer, é agora.

Ele – Não sei... Tenho uma sensação estranha.

Ela – Uma sensação?

Ele – Não sentes um cheiro?

Ela – Não... Não sinto nada...

Ele – Como um cheiro a...

Ela – Um cheiro a quê?

Ele – Não sei. Um cheiro... a corpos.

Ela – Um cheiro corporal, queres dizer... como no autocarro na hora de ponta?

Ele – Sim, algo assim... Só que os passageiros já se foram embora.

Ela – Pode ser o agente imobiliário... Não parecia estar muito bem.

Ele – Mas daí a cheirar por toda a casa quando se foi há quinze minutos.

Ela – Ou talvez sejamos nós...

Ele – Nós?

Ela – Passámos toda a manhã a correr. Mesmo com um bom desodorizante...

Ele – Não, garanto-te... Não é esse tipo de cheiro.

Ela – Não sinto nada... Tens a certeza?

Ele – Acho que sim...

Ela – Que tipo de cheiro?

Ele – Não sei... Como... o cheiro de todos os que estiveram aqui antes de nós.

Ela – Que estiveram aqui? Nesta casa?

Ele – Os proprietários passam, as casas ficam.

Ela – Daí a deixar o seu cheiro...

Ele – Gostaria de saber quantas pessoas já foram donas desta casa.

Ela – O notário poderá dizer-nos, não?

Ele – Achas?

Ela – Ou podemos ir ao registo predial. Remontar até ao primeiro proprietário. Aquele que construiu esta casa. Aquele que a habitou primeiro.

Ele – Quando ainda era virgem de toda a ocupação. De toda a memória...

Ela – Quando era apenas um terreno para construir.

Ele – Um pedido de licença de construção.

Ela – Um projeto de construção.

Ele – Um plano.

Ela – Uma simples ideia.

Ele – Um desejo.

Ela – Quando esta casa não era mais que um sonho de casa.

Ele – No final, se recuarmos o suficiente, não há outra realidade além dos sonhos.

Ela – Vamos ter que tentar explicar isso ao nosso banqueiro.

Ele – Tens razão. Porque para pedir um empréstimo assim...

Ela – Quando és artista.

Ele – E nem sequer tens a certeza de ter trabalho suficiente para continuar a sê-lo.

Silêncio.

Ela – Então, o que fazemos?

Ele – Acho que temos de decidir, porque a este preço, não vai estar muito tempo no mercado.

Ela – É verdade que não é caro para uma casa tão bonita, mas será que podemos mesmo comprá-la?

Ele – Com um empréstimo a cinquenta anos, reduz a quantidade a pagar todos os meses.

Ela – Mesmo assim, vamos ter que deixar de sair para pagar as prestações.

Ele – Ou encontrar fontes de rendimento adicionais.

Ela – Tens alguma ideia?

Ele – A casa é grande. Podíamos alugar um quarto a turistas de passagem, homens de negócios em viagem, casais ilegítimos...

Ela – Claro... Porque não abrir um bordel no andar de cima e uma sala de jogos clandestina na cave?

Ele – Ou então, alugamos para filmagens.

Ela – Filmagens?

Ele – Filmagens de filmes.

Ela – Ah sim?

Ele – Tenho um amigo que faz isso. Parece que se pode alugar por muito dinheiro, se a casa for interessante e encaixar exatamente no que o realizador procura.

Ela – Que tipo de filmes se poderiam filmar nesta casa?

Ele – Não sei... Filmes porno?

Ela – Imagina se os nossos amigos reconhecem a casa.

Ele – Se reconhecem a casa, é porque veem filmes porno... É pouco provável que nos digam...

Ela – Sim, claro.

Ele – Preferes filmes de terror?

Ela – Há outros géneros de filmes, não? Comédias românticas...

Ele – Quando pensas em tudo o que poderia ter acontecido nesta casa desde que existe...

Ela – Sim... Deve ter servido como cenário para todo o tipo de cenas da vida conjugal.

Ele – Filmes de todo o tipo...

Ela – Espero que não sejam filmes de terror.

Ele – Seguramente, mais cenas domésticas, sem dúvida.

Ela – Vamos tentar não exagerar demasiado...

Ele – Uma casa vazia, entre uma mudança e outra, é como um palco nu de um teatro. Ou um set de cinema entre duas filmagens.

Ela – Os atores acabaram de sair, levando consigo o seu cenário.

Ele – Outros virão, trazendo os seus próprios acessórios e a sua própria história.

Ela – Os que chegam não sabem nada sobre a peça que acabou de terminar.

Ele – E ainda não sabem muito sobre a peça que estão prestes a interpretar.

Ela – Tragédia ou comédia? Ou tragicomédia...

Ele – Entre duas representações, só fica um palco vazio. Mas no ar flutua o cheiro de todos os que já pisaram o palco.

Ela – Esse cheiro a vida, e a morte, é o cheiro do teatro.

Um momento.

Ele – Então, compramos?

Ela – É a casa dos nossos sonhos, não é?

Ele – Sim.

Ela – Está a ocorrer-me uma ideia.

Ele – Uma ideia de casa?

Ela – Uma ideia de peça...

Ele – Uma peça de teatro? E como se chamaria?

Ela – Um Sonho de Casa...

Ele – Se a peça tiver sucesso, talvez nos permita pagar esta.

Tomam-se pelas mãos e olham com alegria à sua volta e depois em frente.

Oscuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Breves de palco
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-262-3

Documento para download gratuito